

Estudo sobre Rogério Duprat demonstra quão profunda pode ser uma análise sociomusical

Study on Rogério Duprat shows how deep a socio-musical analysis can be

Flávio Terrigno Barbeitas 

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, Belo Horizonte, MG, Brasil
flateb@gmail.com

BOOK REVIEW

Section Editor: Fernando Chaib
Layout Editor: Edinaldo Medina
License: "CC by 4.0"

Submitted date: 23 feb 2023
Final approval date: 27 feb 2023
Publication date: 23 mar 2023

DOI: <https://doi.org/10.35699/2317-6377.2023.44798>

RESUMO: Resenha do livro Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista, de Jonas Soares Lana (Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. 284p. ISBN: 978-65-5905-352-0).

PALAVRAS-CHAVE: arranjo; tropicalismo; Rogério Duprat; música popular brasileira; análise sociomusical.

ABSTRACT: Review of Jonas Soares Lana's book "Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista", (Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. 284p. ISBN: 978-65-5905-352-0).

KEYWORDS: arrangement; tropicalism; Rogério Duprat; brazilian popular music; sociomusical analysis.

Um dilema costuma afligir a pesquisa em música, especialmente quando se debruça sobre a análise ou interpretação dos mais variados repertórios: deve ela privilegiar os sentidos políticos, sociais, culturais e históricos dos mesmos, ou se fixar nos seus aspectos ditos intrínsecos e estruturais, ou seja, naquilo que constituiria o terreno de uma possível objetividade musical? Trata-se, como se sabe, de uma questão antiga, que está na origem de várias divisões disciplinares no campo das ciências musicais, que permanece viva e continuamente se desdobra – como demonstrou Mário Vieira de Carvalho (2001) – em tempos de relativização do saber.

Na revisão bibliográfica que fez para situar o seu objeto de pesquisa, o professor Jonas Lana se deparou precisamente com o referido dilema. Verificou que as investigações sobre o compositor e arranjador paulista Rogério Duprat se dividiam nas duas correntes indicadas acima, e com o acréscimo de um detalhe interessante, ainda que de certa forma esperado: os que se dedicavam aos aspectos intrínsecos da obra de Duprat eram basicamente os musicólogos, ao passo que, no outro grupo, encontravam-se críticos literários, historiadores, sociólogos, entre outros. Ou seja, de um lado, os especialistas, ciosos de seu campo e treinados principalmente para a discussão do "estritamente musical"; de outro, os estudiosos da "cultura", para os quais a música é um elemento entre outros – e por isso mesmo precisa ser confrontado com as várias forças sociais. Diante do potencial especulativo oferecido pela rica e acidentada trajetória do músico paulista e tendo em vista algumas lacunas deixadas pelas pesquisas que a exploraram, Lana identificou o que é óbvio, mas bem difícil de realizar: a necessidade de conciliar as perspectivas já tradicionais e propor a indissociabilidade entre compreensão musical específica e toda a rede de significados tecida pela natural e inevitável inserção da música na sociedade e na cultura. E eis que nasceria dessa postura não apenas um belo estudo específico sobre Rogério Duprat – principalmente na sua veste de arranjador tropicalista –, mas também um dos mais interessantes e competentes trabalhos sobre música que ultimamente ganharam a forma de livro no país.

"Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista", editado pela carioca 7Letras, decorre de tese de doutorado defendida em 2013 no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio, orientada por Valter Sinder. O autor, Jonas Soares Lana, já então bacharel e mestre em História pela UFMG, tornou-se posteriormente professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Se seu currículo acusa a ausência de uma certificação acadêmica em música, tal formalidade parece plenamente compensada pela prática musical como violonista, que o acompanha desde muito jovem, e pelo trato prático e cotidiano com a música em pesquisas que pontuam a sua trajetória universitária desde a graduação e o mestrado (com dissertação sobre a obra para violão de Villa-Lobos) até os trabalhos atuais, como docente do IFRJ e colaborador do PPGM da UFRJ, de cunho prevalentemente etnomusicológico.

Em poucas palavras, o que torna o livro de Lana um marco da produção acadêmica sobre música no Brasil é a clareza metodológica aliada ao excelente preparo teórico do autor, a evidenciar que uma boa pesquisa depende fundamentalmente da riqueza e profundidade do olhar sobre objeto – e arrisco a dizer: independentemente de um eventual potencial *a priori* do objeto – somada à utilização de variados instrumentos analíticos que comprovem a validade e a pertinência desse olhar.

Os seis capítulos em que o livro está organizado progridem em círculos de abrangência cada vez mais restrita até culminarem no foco da pesquisa – a "reconstituição das experiências de Rogério Duprat como

arranjador tropicalista" – por meio da análise dos arranjos nas gravações de "Não identificado" (Caetano Veloso, por Gal Costa), "Chão de Estrelas" (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, pelos Mutantes) e "Marginália II" (Gilberto Gil e Torquato Neto, por Gilberto Gil). Para quem lamentavelmente se habituou a ver um uso elementar e ingênuo das abordagens biográficas, que prospera incontido em pesquisas acadêmicas na área de música, o livro é um bálsamo. Nada de um mero registro da biografia para preencher lacunas documentais; tampouco o uso da vida para "explicar" detalhes da obra ou desta para espelhar aquela. Tudo o que antecede o último capítulo que se debruça especificamente sobre as gravações citadas – a formação de Duprat, a sua relação com movimentos artístico-culturais, a imbricação moderna de canção, arranjo e gravação e seus reflexos no trabalho do músico paulista – tudo isso se mostra absolutamente imprescindível para a compreensão dos arranjos, entre outras razões pelo uso de noções que dissolvem entendimentos fechados, deterministas e limitadores tanto de indivíduo e identidade quanto da própria realidade social. Lana, rigorosamente fundamentado em referências sociológicas, como Gabriel Tarde (e um de seus principais comentadores, Maurizio Lazzarato), observa a trajetória de Duprat sob a ótica dos agenciamentos e da invenção coletiva, o que o torna apto a demonstrar que:

os arranjos de Duprat para canções tropicalistas são inventos cuja criação contou com a colaboração não apenas dos envolvidos na produção das gravações, como também de colaboradores diretos e indiretos na invenção de tudo aquilo que ele mobilizou em seus arranjos, como a *musique concrete* e outras técnicas, estilos e procedimentos composicionais eruditos que ampliaram o seu repertório (Lana 2022, 57).

Se, para Gabriel Tarde, a sociedade corresponderia a "uma multiplicidade atualizada por movimentos e mútuos agenciamentos em um constante, imprevisível e infundável processo de rearticulação das forças difusas que animam a vida social" (Lana 2022, 57), para o mesmo autor estaria descartada a ideia de indivíduo como o sujeito encapsulado e autônomo festejado nos preceitos iluministas e liberais. Em seu lugar, Tarde propõe o conceito de "singularidade", ontologicamente diferente do de indivíduo, pois fundado no agenciamento com outras singularidades – portanto, em contínua e permanente reconfiguração.

É precisamente aí que a abordagem biográfica realizada por Lana se revela imprescindível, desde os primeiros passos formativos e profissionais de Duprat, para uma compreensão realmente profunda de seus arranjos tropicalistas. Pelo menos, a narrativa construída pelo autor consegue convencer o leitor que as vicissitudes de Duprat concorrem indiscutivelmente para o *gran finale* que emerge da análise dos arranjos: dos seus trabalhos iniciais como violoncelista de orquestra, em que conheceu de perto os arranjos de mestres como Radamés Gnattali, aos festivais de Darmstadt junto com os companheiros do Música Nova; do período docente numa UnB pedagogicamente pioneira à composição de trilhas sonoras inovadoras para filmes nacionais; da rebeldia contra o engessamento nacionalista e estetizante do mundo musical erudito aos trabalhos de sonoplastia na empresa Audimus, que criou juntamente com Damiano Cozzella e Décio Pignatari. Tudo isso – e muito mais – constituiria a singularidade de Rogério Duprat, tributário, portanto, de um sem-número de outras singularidades e de agenciamentos entre elas.

Mas o embasamento teórico do livro vai bem além do que acabo de apresentar. Pelo menos outras duas referências me parecem muito significativas para o resultado alcançado, na medida em que permitiram a

caracterização do trabalho de Duprat numa perspectiva ampla e bem integrada aos arranjos que foram analisados, além de terem capacitado o autor a dar os devidos contornos do rico quadro cultural em que o tropicalismo floresceu.

Refiro-me inicialmente ao conceito de círculo colaborativo, que Lana toma de Michael Farrell e com o qual consegue evidenciar as particularidades tanto do grupo Música Nova – do qual Duprat fazia parte, tendo sido inclusive, segundo os colegas, o principal responsável pelo texto do manifesto de 1963 – quanto dos outros dois grupos fundamentais no cenário de então: os concretistas e os tropicalistas. Para Farrell, os círculos colaborativos são marcados por valores afetivos e interesses compartilhados, bem como por afinidades estéticas e políticas geralmente em antagonismo com a posição hegemônica no campo profissional em que atua o grupo. Com base nesse autor, Lana consegue não só traçar muito bem o perfil de cada um desses grupos, como também flagrar as razões da colaboração entre eles.

Já o outro conceito a que aludi é mais conhecido dos músicos, principalmente dos familiarizados com a literatura etnomusicológica. Trata-se de *musicking*, presente no livro homônimo de Christopher Small e que Lana diligentemente propõe traduzir com o neologismo "musicação". Com ele, como se sabe, Small procurou retirar o acento da música do âmbito idealista e abstrato das obras para colocá-lo na ação de musicar, evidenciando que, uma vez que esta se apresenta em meio às relações humanas, é precisamente o conjunto de todas elas (expostas de forma não hierárquica) que vai criar e transformar os significados da música. Aproximando Small de John Cage e da influência deste sobre Duprat, Lana dá um passo decisivo para compreender o cenário no qual enxerga a vida e a obra desse grande músico: Duprat, a seu modo, teria se deslocado do papel inicial para o qual se formara, de compositor ou intérprete, para assumir como estranho o que era inicialmente familiar, primeiro passo para incorporar as dobras, os resíduos, o descartado, o entorno da "música", tornando tudo isso musicável e funcional para o uso em seus arranjos.

Após a apresentação desse aparato teórico, colocado em frutífero confronto com a experiência concreta dos percursos dupratianos, ocorre uma suave focalização no livro em favor do trabalho com o tropicalismo, os arranjos e as gravações. Insisto no caráter suave porque não há mesmo nenhum corte brusco aqui, nada que nem de longe se assemelhe a um procedimento do tipo "agora que terminei de tratar da vida, começo a análise da obra", fórmula mais do que comum em trabalhos acadêmicos convencionais. Pelo contrário, toda a trama que enreda os aspectos musicais, biográficos, históricos e socioculturais do objeto está muito bem urdida no livro e é a todo momento recuperada pela escrita elegante, pelo trato rigoroso e pela disposição dos vários tópicos, sempre dialogantes entre si.

Ressalte-se, contudo, que é principalmente nesse aprofundamento tropicalista que vai se adensando outra grande contribuição de Lana para os estudos de música popular brasileira. São as entrevistas que o autor conseguiu realizar com personagens fundamentais de toda essa história: desde Régis Duprat, irmão de Rogério, e Lali, sua viúva, passando por Rafael Menezes Bastos, antropólogo e ex-aluno de Duprat na UnB, Júlio Medaglia e Sandino Hohagen, seus companheiros de Música Nova, até pessoas mais diretamente ligadas ao universo tropicalista e à produção das gravações: os técnicos Johann Gunther Kibelkstis, Stelio Carlini e Manoel Barenbein, o *luthier* e inventor de equipamentos Cláudio Dias Baptista, além do próprio Gilberto Gil.

Esse material, somado à extensa bibliografia e discografia consultadas, garantiu à pesquisa um considerável *corpus* documental para uma análise detida dos arranjos. Sobretudo as entrevistas com os técnicos, em larga medida coautores dos registros fonográficos, permitiram ao autor, segundo ele mesmo anota na Introdução, reconstituir rotinas e práticas das gravações, o que foi fundamental para distinguir o papel e as atribuições do compositor paulista nos arranjos tropicalistas.

Não é novidade para ninguém que os arranjos feitos por Rogério Duprat para algumas canções emblemáticas da MPB se tornaram um imenso desafio para outros arranjadores que vieram na sequência, tal a pregnância, na canção e em sua fortuna performativa, do material musical gravado, que confere um fortíssimo aporte de significados e um nível de imbricação raro e elevado com os demais elementos da obra, sobretudo a letra. Basta pensar no célebre caso de *Construção*, de Chico Buarque (não abordada no livro de Lana, mas tema de um artigo de Gil Jardim, em 2016), que ainda que regravaada pelo próprio autor e por vários outros intérpretes, parece destinada a ter no arranjo de Duprat tanto o seu certificado de nascimento quanto o de "óbito" (no sentido, é claro, de permanecer como uma referência auditiva inevitável e de rendimento muito dificilmente igualável).

Precisamente a relação estabelecida entre arranjo e letra é um dos principais fios perseguidos por Lana em suas análises e, tal como em *Construção* – ou ainda mais –, é claramente um traço distintivo da produção examinada no livro. Nas canções tropicalistas, o diálogo é tão intenso que adquire um sentido visual, de "caráter plástico":

Os arranjos tropicalistas de Duprat segundo [Manoel] Barenbein, são descritivos, dando vida às imagens projetadas pelo texto da canção. "É como se você visse um videoclipe hoje", comentou, ilustrando com as gravações de canções narrativas como "Domingo no parque" e "Coração materno" (Lana 2022, 145).

A visualidade da produção tropicalista, já presente na canção em si, mas exacerbada nas gravações em virtude dos arranjos, é o fator que autorizou Lana a falar em *plástica sonora* ou *sonoplastia* tropicalista, termo que foi levado ao título do livro. Sem dúvida, a escuta atenta do texto praticada por um músico e intelectual de alto nível como Rogério Duprat, aliada à sua experiência de compositor de trilhas sonoras para cinema, foram elementos determinantes para esse sentido visual dos arranjos. Mas não só eles e não apenas de visualidade vivem as inovações desse momento glorioso da MPB. Entram no conjunto também, como bem aponta Jonas Lana, a disposição dos tropicalistas para experimentar, o uso de técnicas de colagem, o questionamento do padrão *hi-fi* de gravação, recursos tipicamente cinematográficos, práticas da música concreta, a colaboração de pessoas iniciadas nas tecnologias de captação, edição e gravação de áudio; tudo isso também confirmando o aspecto de produção coletiva dos arranjos – ainda que inegavelmente conduzidos pela batuta de Rogério Duprat – ponto defendido pela pesquisa de Lana.

Os detalhes abordados no livro, sobretudo na parte mais consagrada à análise, são inúmeros, e todos muito bem argumentados e sustentados por discussões relativas ao contexto e à comparação com diferentes produções mais ou menos contemporâneas, inclusive de outros artistas, como Frank Zappa e *The Beatles*. Não se tratando de reproduzi-los aqui, mais vale citar um trecho que bem pode servir como resumo esquemático do arranjo tropicalista dupratiano:

Nas gravações tropicalistas, os arranjos de Duprat ganham aspectos diferentes conforme a predominância dos modos narrativo ou icônico¹. Em canções ou trechos nos quais impera o viés da *iconicidade*, os arranjos tendem a sobrepor referências a obras e a estilos musicais, bem como a técnicas e a procedimentos composicionais. Geralmente estranhas entre si, essas referências e as imagens que elas evocam se acomodam precariamente em uma espécie de arranjo-colagem. Em canções ou passagens com forte traço narrativo, como as já citadas "Domingo no parque" e "Coração materno", os arranjos de Duprat tendem a acentuar a dramaticidade de ações narradas. Unidos no contexto da gravação, a palavra cantada ganha contornos de um roteiro de cinema para um filme cuja trilha sonora é o arranjo. (Lana 2022, 148)

Este ótimo "Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista" desde logo deverá se impor, pela inegável qualidade, como item bibliográfico obrigatório em nossos cursos universitários de música (pelo menos), principalmente em disciplinas que tratam, sob ângulos diversos, a música (popular) brasileira; mas também como exemplo sólido para cursos de metodologia da pesquisa e em debates variados na pós-graduação.

Por fim, cabe uma palavra sobre alguns aspectos da edição. Pensando em um leitor menos ou nada familiarizado com termos musicais, o autor preparou um glossário, muito bem-vindo, com o qual ilumina brevemente certas expressões nada óbvias. Deixo como sugestão para futuras reimpressões a inclusão de um índice remissivo que, dada a profusão de assuntos tratados no livro, seria extremamente útil. Da mesma forma, o sumário mereceria uma versão um pouco mais roteirizada, que refletisse os tópicos presentes em cada capítulo e, desde o início, melhor apresentasse a disposição do livro.

Sabemos todos o quanto costuma ser penosa a explicação verbal da música, as inúmeras palavras que, às vezes, são requeridas para referir um brevíssimo instante musical. Lana não fugiu a esse empenho literário e o fez com admirável maestria. Pensando agora, porém, no leitor mais especializado, talvez não fosse má ideia a inclusão de um ou outro quadro que resumisse certas características dos arranjos analisados que tendem a ficar muito dispersas quando distribuídas num texto convencional. Certamente não serão quadros como esse um corpo estranho o bastante pra comprometer negativamente o agradável estilo que o autor soube imprimir ao seu trabalho.

Referências

- Carvalho, Mário Vieira de. 2001. "As Ciências Musicais na transição de paradigma". *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 14: 211-233.
- Jardim, Gil. 2016. "O arranjo como estrutura e tecido do discurso musical". *Revista USP* 111: 45-58.
- Lana, Jonas Soares. 2022. *Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista*. Rio de Janeiro: 7Letras.

¹ O autor faz referência, nessa passagem, à classificação de Luiz Tatit, elaborada em seu livro *O cancionista*, quanto aos modos de organização das letras.